



GT 79. Sexo e o Dom: Etnografias das trocas afetivo-sexuais/comerciais

Coordenador(es):

Thaddeus Gregory Blanchette (UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Adriana Gracia Piscitelli (Unicamp)

Sessão 2

Debatedor/a: Ana Paula da Silva (UFF - Universidade Federal Fluminense)

Existe uma ambiguidade fundamental que se encontra na base das relações heterossexuais normativas engendradas, que revela-se na suposta natureza antagônica das trocas comerciais afetivo- sexuais e as relações afetivo- sexuais baseadas na reciprocidade. Nas culturas ocidentais em geral, essas duas formas de relações afetivo- sexuais tendem a ser entendidas como completamente diferentes e/ou separadas umas das outras (a teoria das “esferas separadas”), ou são configuradas como duas manifestações do mesmo fenômeno básico (a teoria “nada é diferente”). Como Viviane Zelizer aponta, porém, na vida vivida, a interação entre elas é complexa e ambígua. Nesse tipo de relação humana, onde as lógicas econômicas coincidem, se misturam, e até se co-constituem com lógicas morais e afetivas (e vice-versa), mas onde a prostituição e o amor são hegemonicamente entendidos como esferas separadas contraditórias, o “Ensaio Sobre o Dom”, de Marcel Mauss revela-se como valiosa contribuição para entender as (in)diferenças entre as várias formas de labuta/troca sexual e emocional. Nosso GT vai contemplar etnografias que exploram as complexidades e ambiguidades das trocas sexuais/afetivas, buscando desconstruir os dois modelos acima descritos. Preferencialmente daremos destaque para os trabalhos que situam essas trocas como fatos sociais totais dentro de cenários mais amplas de ação e valores, ilustrando a dialética entre a agência humana e as estruturas socioculturais em que essa é embutida.

Da casa à casa de família: Circulação de jovens mulheres por entre casas no Baixo Tocantins (PA)

Autoria: Aline Godois de Castro Tavares (UFJF - Universidade Federal de Juiz de Fora)

A Amazônia foi se constituindo como entidade discursiva ao passo dos diferentes projetos coloniais que incidiram sobre a região. Sua população e seus processos históricos foram lidos ora pela chave do exótico, ora pela chave das deformações decorrentes da experiência colonial. Impera no imaginário sobre a região uma constelação de temas ? os problemas da Amazônia - que possuem grande apelo social e que articulam em grande medida visões estanques e endógenas sobre os processos locais. Destaca-se dentro desses temas o chamado work Infantil Doméstico, um conceito pouco preciso e que simplifica as diferentes formas de circulação de jovens mulheres nas regiões amazônicas. Essa apresentação, num sentido contrário, busca analisar a circulação de jovens mulheres por diferentes casas na região do Baixo Tocantins (PA) como uma economia doméstica local que escapa das dualidades publico/privado, família/terceiros, work mercadoria/work afetivo familiar. A circulação de jovens por entre casas é a principal forma de mobilidade feminina naquela região e é através desses trânsitos que as mulheres acessam diferentes projetos e constroem novos espaços ? muitas vezes conflituosos ? de ação. Busco analisar os sistemas de trocas e de prestações empreendidos nessa circulação a partir da teoria da Dádiva (Mauss, 2002), entendendo a constituição de uma economia doméstica que tece redes e sistemas de reciprocidades locais. Esses trânsitos são marcados por desigualdades em termo de gênero, classe e cor, que são reelaboradas ao longo dos trânsitos dessas jovens por entre as diferentes casas onde circulam.



**Reunião Brasileira
de Antropologia**

SABERES INSUBMISSOS:
DIFERENÇAS E DIREITOS
RIO 2020

www.portal.abant.org.br/evento/rba/32RBA

ISBN: 978-65-87289-08-3



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: